



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - PORTUGUÊS**

BRENO AUGUSTO PENA FERREIRA

**AMPLIAÇÃO SEMÂNTICA DO TERMO “PUTA”: UMA JORNADA
INVESTIGATIVA PELAS CURVAS DO TEMPO**

**SANTARÉM - PA
2025**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - PORTUGUÊS

BRENO AUGUSTO PENA FERREIRA

**AMPLIAÇÃO SEMÂNTICA DO TERMO “PUTA”: UMA JORNADA
INVESTIGATIVA PELAS CURVAS DO TEMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Licenciatura em Letras – Português, para a obtenção do grau de Licenciado em Letras – Português; Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação.
Orientadora: Dr. Ediene Pena Ferreira

SANTARÉM – PA
2025

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/Ufopa

- F383a Ferreira, Breno Augusto Pena
Ampliação semântica do termo “Putá”: uma jornada investigativa pelas curvas do tempo./ Breno Augusto Pena Ferreira. – Santarém, 2025.
42 p.: il.
Inclui bibliografias.
- Orientadora: Ediene Pena Ferreira.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa.
1. Puta. 2. Ampliação semântica. 3. Transformação linguística. I. Ferreira, Ediene Pena, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 801.95



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS E INGLÊS

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos seis dias do mês de março de dois mil e vinte e cinco, às quinze horas, na cidade de Santarém, Estado do Pará, na sala R10 da Unidade Rondon da Universidade Federal do Oeste do Pará, reuniu-se a Banca Examinadora de Trabalho de Conclusão de Curso de Letras para realização da arguição do trabalho de conclusão de curso do aluno Breno Augusto Pena Ferreira, matrícula 2019001374, intitulado **Ampliação semântica do termo "puta": uma jornada investigativa pelas curvas do tempo**, sob a orientação da Profa. Dra. Ediene Pena Ferreira, da Universidade Federal do Oeste do Pará. A Banca Examinadora foi constituída pela professora orientadora, Presidente desta Banca, pela Profa. Dra. Celiane Sousa Costa e pelo Prof. Dr. Zair Henrique Santos, ambos da Universidade Federal do Oeste do Pará. A banca deliberou pela

aprovação

reprovação do TCC, resultando na nota 10.

A banca considerou que:

Não são necessárias revisões.

São necessárias revisões quanto à forma, conforme as observações apontadas.

São necessárias revisões de conteúdo, conforme as observações apontadas, e revisão final feita pelo orientador antes de encaminhar a versão final do documento para a biblioteca.

São necessárias revisões de conteúdo, conforme as observações apontadas, e reavaliação do trabalho pela banca e pelo orientador antes de encaminhar a versão final do documento para a biblioteca.

Fica acordado que a nota 10 está condicionada a entrega final do trabalho, no prazo máximo de **10 dias úteis** a partir desta data e deverá contemplar as



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS E INGLÊS

observações da Banca Examinadora. Proclamados os resultados pela Presidente da Banca, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu, Profa. Dra. Ediene Pena Ferreira, lavrei a presente ata, que será assinada pelo autor do trabalho e pelos membros da Banca Examinadora.

Santarém, 06 de março de 2025.

Orientador:

Avaliador 1:

Avaliador 2:

Autor:

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, rendo minha sincera homenagem à Universidade Federal do Oeste do Pará e ao Instituto de Ciências da Educação, cujas estruturas e oportunidades pavimentaram o caminho que me conduziu até este momento. Aos mestres do curso de Letras e aos dedicados companheiros do Grupo de Estudos Linguísticos do Oeste do Pará (Gelopa), minha gratidão se estende por cada ensinamento e apoio que, ao longo destes anos, transformaram o árduo percurso da graduação em uma jornada de descobertas e crescimento.

À minha orientadora e tia, Dra. Ediene Pena Ferreira, dedico um profundo e emocionado agradecimento. Sua sabedoria e dedicação, que me acompanharam desde infância, acenderam em mim a chama da inspiração, e poder trilhar os mesmos caminhos acadêmicos e profissionais que ela, é um privilégio que embala meu coração.

À minha mãe, que com amor incondicional, paciência e força me amparou nos momentos em que a escuridão se fazia presente, agradeço por ser o porto seguro que me sustentou, permitindo que eu encontrasse o caminho de volta à luz.

À minha amada Yasmim, parceira e melhor amiga, que faz meu coração pulsar com renovada intensidade e faz meus olhos brilhar com uma luz jamais vista, dedico um carinho que ultrapassa as palavras.

Aos amigos que se tornaram verdadeiros alicerces em minha existência – em especial Edson, Gabriel e Vitor, irmãos de alma que a vida me concedeu –, deixo aqui meu reconhecimento por estarem ao meu lado nas horas mais desafiadoras. À minha querida Agatha, seu doce e inocente amor felino é o que me acalenta todos os dias, mesmo com as doloridas, mas amáveis mordidas.

À minha psicóloga, que nestes dois últimos anos me guiou com sensibilidade a organizar a mente e a redescobrir o valor intrínseco da vida, minha eterna gratidão por ajudar-me a resgatar a esperança.

E, por fim, agradeço a mim mesmo – por ter encontrado forças para romper com as sombras de uma longa e profunda depressão, por persistir mesmo nas noites insones repletas de leituras e pesquisas, e por ter a coragem de concluir este trabalho, que não marca um fim, mas o início de uma trajetória repleta de novas conquistas.

“Eu nunca fiz questão de existir
Não queria incomodar
Um dia eu acho um jeito de aparecer”
(Supercombo – Piloto Automático)

RESUMO

Este trabalho investiga a ampliação semântica do termo “puta” a partir de uma abordagem semântica histórica, buscando reconstruir o percurso de transformação desse vocábulo desde suas origens no latim vulgar até suas manifestações na contemporaneidade. O estudo tem como objetivo analisar como um termo, inicialmente utilizado para designar “menina” ou “jovem”, passou por processos de restrição semântica — que o vincularam à prostituição e à marginalização — e, posteriormente, experimentou uma ampliação semântica, adquirindo novas funções expressivas em contextos modernos. Para tanto, foi adotada uma metodologia qualitativa baseada na análise crítica de fontes bibliográficas, dicionários etimológicos e registros documentais históricos, complementada pela consulta a corpora online, como o Corpus Informatizado do Português Medieval (CIPM) e o Corpus do Português, além de pesquisas realizadas em sites especializados, redes sociais, blogs e portais de notícias. Os resultados evidenciam que as transformações do termo “puta” refletem não apenas mudanças linguísticas, mas também as dinâmicas sociais, culturais e de poder que permeiam diferentes períodos históricos. Conclui-se que o estudo da transformação semântica desse vocábulo ilustra a natureza fluida da linguagem, demonstrando como os sentidos são continuamente negociados e ressignificados em resposta às necessidades comunicativas e às transformações das relações de gênero e hierarquias sociais.

Palavras-chave: Puta; Ampliação Semântica; Transformação linguística; Semântica histórica; Ressignificação.

LISTA DE SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

CIPM – Corpus Informatizado do Português Medieval

EM – Esclerose Múltipla

Gelopa – Grupo de Estudos Linguísticos do Oeste do Pará

PUC/RS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

PT – Partido dos Trabalhadores

UFOPA – Universidade Federal do Oeste do Pará

SUMÁRIO

1. COMEÇANDO UM PUTA TRABALHO - INTRODUÇÃO.....	9
2. ANTES DE SER PUTA: UMA ANÁLISE DOS FUNDAMENTOS DA SEMÂNTICA.....	11
2.1 A semântica e suas transformações: do significado original às mudanças culturais e históricas	11
2.2 Ampliação e Restrição de Sentido: Dinâmicas de Adaptação Linguística	13
3. AS VÁRIAS FACES DE “PUTA”	15
4. AS “PUTAS” AO LONGO DO TEMPO.....	18
4.1 Do século I ao Século XIX.....	19
4.2 Do século XX aos dias atuais.....	29
5. CHEGA DE PUTAS! - CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS.....	43

COMEÇANDO UM PUTA TRABALHO - INTRODUÇÃO

A linguagem se apresenta como uma construção dinâmica e em constante transformação, capaz de registrar e acompanhar as transformações que ocorrem na sociedade ao longo do tempo. Essa capacidade de adaptação revela como os significados atribuídos aos termos não são estáticos, mas sim moldados por mudanças culturais, históricas e sociais. O presente trabalho se propõe a explorar essa fluidez semântica por meio da análise da trajetória do termo “puta”, investigando como ele transita de uma designação originalmente neutra, no latim vulgar – onde significava “menina” ou “jovem” – para um vocábulo carregado de intensas conotações pejorativas e, posteriormente, como passou por processos de ressignificação e reinterpretação em diferentes contextos.

A investigação tem como objetivo central reconstruir a transformação semântica desse termo, identificando os momentos cruciais em que ocorreram mudanças significativas em seu significado e analisando os fatores sociais, culturais e linguísticos que influenciaram tais transformações. A partir dessa perspectiva, busca-se compreender como as dinâmicas históricas interagem com as práticas discursivas, fazendo com que um termo originalmente descritivo, seja progressivamente investido de valores morais, de exclusão e, em alguns momentos, até mesmo de funções expressivas e contestatórias.

Para abordar essa problemática, o estudo adota uma abordagem qualitativa que privilegia a análise crítica de fontes bibliográficas e documentais. A pesquisa recorre a livros, artigos acadêmicos, registros e documentos antigos, com especial atenção aos dicionários etimológicos que fornecem os primeiros traços da história do termo “puta”. Ressalta-se que esses documentos, assim como a corpora utilizada, podem ser acessados por meio da internet. Nesse sentido, foram consultados os próprios sites das principais corpora utilizados, sendo eles: O Corpus Informatizado do Português Medieval (CIPM), um corpus específico dedicado ao português medieval, desenvolvido pela Universidade de Lisboa, disponibilizado para pesquisa no ano de 2011; e o Corpus do Português, desenvolvido pelo linguista Mark Davies (em colaboração com Michael Ferreira na parte histórica), compilando registros históricos (presentes na seção Gênero/Histórico), e contemporâneos (Presentes na seção Web/Dialetos), oferecendo uma visão ampla das transformações semânticas até os dias atuais. Adicionalmente, foram realizadas pesquisas em sites especializados, como o “Cantigas Medievais do Galego-Português”, cuja base de dados disponibiliza, aos investigadores e ao público em geral, a totalidade das cantigas medievais presentes nos cancioneros galego-portugueses, bem como seus dados históricos e interpretações. Também foram utilizadas redes sociais, blogs e portais

de notícia/jornais para encontrar registros de ocorrências da palavra “puta” na contemporaneidade, permitindo a análise dos usos atuais e a identificação das ressignificações emergentes.

A fundamentação teórica deste trabalho está ancorada nos estudos de semântica de Bréal (1992) e Oliveira (2008), autores que oferecem contribuições fundamentais para a compreensão dos processos de mudança de sentido. Enquanto Oliveira enfatiza a importância dos contextos culturais e históricos na formação dos significados, Bréal destaca a natureza dinâmica e relacional dos significados, proporcionando uma base sólida para analisar os processos de ampliação e restrição semântica que moldam o uso dos termos.

A relevância deste trabalho reside na sua capacidade de evidenciar como a transformação de um termo tão carregado de simbolismo e valores pode servir de espelho para as transformações profundas na sociedade. Ao investigar a trajetória do termo “puta”, o estudo não apenas amplia a compreensão sobre os processos de mudança semântica, mas também contribui para debates mais amplos acerca da construção de identidades, das relações de poder e da crítica aos estigmas de gênero. Dessa forma, a análise proposta pretende oferecer uma contribuição significativa ao campo da semântica histórica, ao demonstrar que a linguagem é um reflexo das lutas, negociações e resistências presentes em cada momento histórico.

Para estruturar essa investigação, o presente trabalho está organizado em três seções principais. A primeira seção apresenta e analisa os conceitos de semântica, ampliação e restrição, fundamentando-se nos estudos de Bréal (1992) e Oliveira (2008). A segunda seção trata da etimologia da palavra “puta”, traçando sua origem e as primeiras transformações registradas nos dicionários etimológicos disponíveis na internet. A terceira seção está subdividida em duas subseções, adotando uma linha do tempo para investigar e analisar as mudanças semânticas do termo ocorridas ao longo da história, onde a primeira é focada na análise voltada ao período equivalente do século I ao século XVIII, e a segunda culminando no uso atual do termo no português brasileiro, do século XX aos dias atuais, analisando as ampliações e ressignificações que o termo vem adquirindo na contemporaneidade, com o apoio de pesquisas realizadas em redes sociais, blogs e portais de notícia/jornais, que revelam as novas dinâmicas de uso e os debates emergentes acerca do impacto social e das implicações na construção de identidades de gênero.

Com essa estrutura, o trabalho busca iluminar as complexas relações entre linguagem e sociedade, demonstrando que as transformações semânticas não são meramente alterações na

forma, mas processos profundos que influenciam a forma como os indivíduos se reconhecem e se relacionam com o mundo. Por meio dessa análise, espera-se contribuir para a compreensão da natureza mutável do discurso e para a reflexão sobre a capacidade da linguagem de se reinventar diante dos desafios e das mudanças dos contextos históricos e culturais.

ANTES DE SER PUTA: UMA ANÁLISE DOS FUNDAMENTOS DA SEMÂNTICA

2.1 A semântica e suas transformações: do significado original às mudanças culturais e históricas

Considerando que o objetivo deste trabalho é realizar uma análise semântica do termo “puta” ao longo da história, esta seção se propõe a apresentar os fundamentos teóricos necessários para embasar a investigação, abordando o conceito de semântica, suas principais classificações e os processos de ampliação e restrição de sentido. A compreensão desses elementos é essencial para perceber como os significados se transformam em resposta às dinâmicas culturais, históricas e sociais, permitindo que o vocábulo se renove e se ajuste às novas realidades comunicativas. Baseando-se nas contribuições de autores como Oliveira (2008) e Bréal (1992), esta seção demonstrará que a semântica não se limita à definição de palavras, mas que se constitui em um campo multidimensional que integra perspectivas lexical, estrutural, cognitiva e histórica. Dessa forma, o presente capítulo estabelece o alicerce teórico para a análise das transformações semânticas do termo “puta”, contribuindo para a compreensão dos mecanismos pelos quais a linguagem se adapta e reflete as complexas relações sociais.

A semântica é o ramo da linguística dedicado ao estudo dos significados nas línguas naturais, revelando não apenas definições, mas também como as palavras e estruturas comunicam conceitos, experiências e realidades humanas. Ao explorarmos esse campo, somos convidados a perceber que o sentido de uma palavra não é algo fixo, mas um resultado dinâmico da interação entre nossos contextos culturais, históricos e pessoais. O próprio termo *semantikos*, do grego, nos remete à ideia de “o que tem sentido”, enfatizando que a linguagem é, em essência, uma expressão viva da nossa experiência do mundo—a reflexão central que inspira o aprofundamento neste estudo, como destacado por Oliveira (2008).

Desde os tempos dos primeiros filósofos gregos, a relação entre linguagem e significado despertava intensas reflexões. Enquanto Platão, em seu diálogo *Crátilo*, sugeria que os nomes

poderiam captar a essência dos objetos, Aristóteles defendia uma abordagem mais prática, entendendo que os significados emergem das convenções sociais. Essa dualidade—entre a busca pela verdade essencial e a realidade construída coletivamente—permeia o pensamento de outros autores posteriores, como John Locke, que via a linguagem como uma construção social, e Walter Porzig, que apontava para uma conexão natural em certos termos. Tais ideias reforçam a noção de que a linguagem é tão humana quanto a própria experiência de viver em sociedade.

Ao avançarmos em nossa compreensão do significado, encontramos diversas abordagens que enriquecem nosso entendimento da semântica. Na semântica lexical, por exemplo, estudamos fenômenos como a polissemia—quando uma única palavra, como “banco”, pode evocar múltiplos significados (seja uma instituição financeira ou um acento) — e a homonímia, na qual palavras idênticas, como “manga”, podem remeter a realidades completamente distintas. Essa vertente revela a riqueza e a variabilidade do vocabulário, demonstrando que o significado de cada termo se expande ou se restringe conforme o contexto de uso.

Paralelamente, a semântica estrutural, fortemente influenciada por Ferdinand de Saussure, nos ensina que o valor de uma palavra não é determinado isoladamente, mas sim por sua posição em uma rede de signos. Essa perspectiva, que dialoga com as reflexões de Bréal (1992), mostra que os significados emergem da interação entre os elementos linguísticos, o que me leva a refletir sobre como nossa comunicação é uma teia interconectada, onde cada palavra ganha sentido a partir de sua relação com as demais.

Outro olhar essencial é o da semântica cognitiva, que propõe que o significado não reside somente na forma ou na função das palavras, mas é construído a partir das experiências e percepções individuais. Conceitos como metáfora e moldura conceitual — por exemplo, ao comparar “tempo” a “dinheiro” — são instrumentos que nos ajudam a compreender como estruturamos nosso pensamento e interpretamos o mundo ao nosso redor. Essa abordagem reforça a ideia de que a linguagem é profundamente enraizada na vivência humana, permitindo que cada um de nós construa significados únicos a partir de experiências comuns.

Além dessas perspectivas, a semântica histórica oferece um campo fascinante para a investigação das transformações de sentido ao longo do tempo. Diferentemente da etimologia, que se concentra em rastrear as origens e as modificações formais de uma palavra por meio de sua linhagem e morfologia, a semântica histórica foca na maneira como os sentidos se

ressignificam conforme as mudanças culturais e sociais. Assim, enquanto a etimologia nos apresenta as raízes estruturais de um vocábulo, a semântica histórica revela o contínuo processo de negociação de significados, permitindo-nos entender como uma palavra pode adquirir novas camadas ou, por outro lado, perder determinadas conotações, de acordo com as necessidades e convenções de cada época. Essa distinção, tão bem ressaltada por Oliveira (2008) e Bréal (1992), é particularmente inspiradora, pois nos mostra que a linguagem é um reflexo contínuo das transformações da sociedade.

O estudo dos processos de ampliação e restrição semântica exemplifica essa dinâmica. A ampliação ocorre quando uma palavra expande seu alcance, incorporando novos sentidos para abranger realidades que antes não eram expressas; já a restrição se dá quando seu significado se torna mais específico, adaptando-se a contextos precisos. Esses processos, que muitas vezes se complementam, permitem à linguagem permanecer flexível e adaptável, um fenômeno que considero fascinante, pois revela a capacidade da língua de se renovar e responder às mudanças das necessidades humanas.

2.2 Ampliação e Restrição de Sentido: Dinâmicas de Adaptação Linguística

A ampliação e a restrição de sentido são processos centrais na transformação semântica, demonstrando como as palavras se adaptam para acompanhar as necessidades expressivas e funcionais de uma língua ao longo do tempo. Embora possam parecer opostos, esses processos são, na verdade, interdependentes e complementares, refletindo o modo como a linguagem se transforma para permanecer relevante e eficaz. A ampliação de sentido ocorre quando uma palavra originalmente restrita a um contexto ou significado específico se expande para abarcar novos conceitos e aplicações. Esse fenômeno é comum em contextos culturais ou tecnológicos que trazem mudanças significativas. Um exemplo clássico é a palavra inglesa *holiday*, que inicialmente significava "dia santo" e hoje é usada para se referir a qualquer período de descanso ou férias.

Por outro lado, a restrição de sentido acontece quando o significado de uma palavra se torna mais específico e limitado a um determinado contexto, geralmente devido a avanços técnicos, científicos ou sociais que exigem uma precisão maior no uso. Na medicina, por exemplo, o termo "vírus", que antigamente tinha um sentido mais amplo de "veneno" ou "substância tóxica", passou a se referir exclusivamente a agentes infecciosos microscópicos após o desenvolvimento da microbiologia. Esse fenômeno de especialização semântica permite que a

comunicação se torne mais precisa, especialmente em áreas onde a clareza e a especificidade são essenciais, como as profissões técnicas e científicas.

Esses processos não ocorrem de maneira isolada. Luciano Amaral Oliveira (2008) observa que tanto a ampliação quanto a restrição de sentido são movidas por fatores históricos e culturais, demonstrando a flexibilidade da linguagem para atender às demandas de uma sociedade em constante transformação. A ampliação permite que as palavras adquiram novos significados e se adaptem a diferentes contextos, como ocorre em expressões idiomáticas ou em jargões profissionais. A restrição, por sua vez, aprimora a precisão comunicativa, reduzindo a ambiguidade e delimitando o uso de uma palavra a um campo ou situação específica. Essa interação contínua entre ampliação e restrição enriquece a língua, tornando-a capaz de expressar nuances e detalhes cada vez mais refinados.

Portanto, a ampliação e a restrição de sentido não apenas ajudam a linguagem a se modificar, mas também refletem as mudanças sociais e culturais. Esses processos semânticos demonstram que a língua é dinâmica e flexível, respondendo às inovações e às novas realidades, ao mesmo tempo em que conserva e especializa os elementos essenciais para a comunicação eficaz.

A semântica é um campo dinâmico, que abrange desde a análise lexical e estrutural até a investigação histórica das palavras. Michel Bréal e Luciano Amaral Oliveira mostram que a semântica histórica permite um entendimento profundo de como os significados evoluem e se adaptam, refletindo a realidade cultural e social de cada época. O estudo das mudanças semânticas, particularmente os processos de ampliação e restrição, evidencia como a linguagem é flexível e capaz de se renovar continuamente.

Esse processo é especialmente claro ao examinarmos termos como "puta", cuja ampliação semântica reflete a transformação das normas culturais e sociais. Inicialmente restrito a uma conotação pejorativa, o termo expandiu-se para incluir novos significados, mostrando como as palavras podem adquirir novos sentidos, moldados pelas percepções e necessidades expressivas da sociedade. Assim, o estudo da semântica histórica não apenas revela o passado das palavras, mas também ilumina o modo como a linguagem serve como espelho das transformações sociais, culturais e humanas.

AS VÁRIAS FACES DE “PUTA”

Após a contextualização dos conceitos semânticos que fundamentam esta pesquisa, a seção a seguir concentra-se na análise etimológica do termo “puta”. Nesta parte, serão investigados diversos aspectos de sua origem, partindo de sua derivação do latim vulgar, quando o termo era empregado para designar “menina” ou “jovem”. Ademais, serão exploradas interpretações que apontam para uma dimensão mitológica, sugerindo uma ligação simbólica com práticas agrícolas e com a figura de uma deusa associada à poda e à fertilidade. Essa abordagem integradora visa traçar a trajetória histórica que transformou um termo originalmente descritivo em um marcador complexo de significados, revelando as múltiplas camadas de sua formação ao longo dos séculos.

A etimologia da palavra “puta” apresenta um percurso complexo, cuja análise permite compreender não apenas a mudança morfológica do vocábulo, mas também as transformações semânticas e socioculturais que o termo experimentou ao longo dos séculos. De acordo com o *Diccionario Crítico Etimológico Castellano y Hispánico* de Joan Corominas, o termo deriva do latim vulgar *putta*, utilizado originalmente para designar “menina” ou “jovem”, enquanto seu equivalente masculino, *puttus* ou *putus*, referia-se a “garoto” ou “criança”. Esses termos, que compartilham uma raiz indo-europeia – possivelmente *pou-* ou *pu-* –, denotavam inicialmente a ideia de algo pequeno e de indivíduos em fase inicial de desenvolvimento, sendo empregados de forma descritiva, sem carregar julgamentos de valor.

Entretanto, à medida que os contextos sociais e culturais se transformaram, sobretudo a partir do final do século I a.C., surgiram indícios de uma mudança semântica que passou a associar o termo à prostituição. Diversos registros em textos latinos – particularmente em poemas satíricos e em glosas de manuscritos medievais, como os encontrados nos glossários do Escorial e de Toledo – indicam que o vocábulo passou a ser utilizado para traduzir conceitos como *meretrix* ou *scortum*, designando mulheres envolvidas na prostituição (Corominas, 1985). Essa alteração reflete um fenômeno social em que a designação que originalmente identificava a juventude passou a ser vinculada à vulnerabilidade e à marginalização, consolidando uma carga negativa ao longo dos séculos.

Conforme exposto no *Etymological Dictionary of Latin and the other Italic Languages* (De Vaan, 2008), a família derivada da raiz *puto-* apresenta uma rede complexa de significados que se expandiram e se especializaram com o tempo. De Vaan aponta que a forma básica *putus* originalmente significava “cortar os ramos indesejados, podar uma árvore”, e dessa ação literal derivaram-se diversas palavras. O verbo *putare*, que denota a ação de podar, gerou termos como

putamen – empregado para designar a “casca” ou “cobertura externa” de frutos ou ovos – e *putator*, que se refere ao agente que realiza a poda. De forma análoga, os diminutivos derivados, como *putillus* (“muito jovem, pequeno”), evidenciam a tendência morfológica do latim de expressar intensidade ou diminuição por meio de sufixos, culminando na formação de termos como *pullus*, que designa o filhote ou o jovem de um animal. De Vaan (2008) ressalta que a morfologia desse grupo é marcada pela inserção de um -s- no latim, diferenciando-o de outras línguas indo-europeias, e que o processo expressivo evoluiu para gerar formas como *puttus* no Românico, cuja característica geminada enfatiza a função expressiva do termo. Essa base morfológica é fundamental para compreender a trajetória semântica que culminou na forma moderna “puta”, pois, embora sua origem esteja vinculada à ação literal de podar ou cortar, a transição para um sentido pejorativo – associado à prostituição e à imoralidade – evidencia um deslizamento metafórico ao longo dos séculos.

Além das explicações etimológicas tradicionais, Luiz Costa Pereira Junior, em *Com a Língua de Fora* (pp. 24-26), apresenta uma interpretação singular que relaciona o termo à figura de uma deusa. Segundo essa perspectiva, os vocábulos latinos relacionados a “podar” – como *puto*, *putare* e *putavi* – evoluíram em sincronia com o termo *putta*, que designava menina, moça ou donzela, até que seus sentidos se fundissem e adquirissem uma dimensão mitológica. No contexto rural do Lácio, região da Itália, onde o latim se consolidou entre lavradores e pastores, o ato de podar ganhou uma significação sagrada, dando origem à figura mitológica de Puta, deusa associada ao corte, à ordenação e à renovação da vegetação. Essa interpretação encontra respaldo na obra *Adversus Gentes* (ou *Adversus Nationes*) de Arnóbio de Sicca, um apologista cristão do século III d.C., que, no Livro IV (capítulos 7 e 8), menciona “puta” como uma divindade menor, responsável pela poda das árvores, numa crítica às práticas religiosas pagãs.

Complementarmente, as reflexões de Linda Ostjen, Advogada e licenciada em Letras pela PUC/RS, publicadas no blog *Somos Todos Um* no ano de 2018, acrescentam que, em uma tradição mitológica, a deusa grega Démeter, reconhecida por sua associação com a colheita e a fertilidade, teve uma ligação indireta com a figura de Puta – sugerindo que, em um mito de origem, Puta teria nascido como uma semideusa dotada da aptidão para a poda, função celebrada com festividades e orgias, que eventualmente se associou à prostituição sagrada. Essa perspectiva multifacetada demonstra como o vocábulo transcende seu sentido literal e incorpora dimensões de fertilidade, renovação e, paradoxalmente, de marginalização.

Na transição do latim para as línguas românicas – como o português, o espanhol e o francês – *putta* evoluiu para termos que mantiveram a conexão com a prostituição ou

comportamentos considerados imorais. Em português e espanhol, a forma feminina “puta” consolidou-se para designar mulheres associadas à prostituição, enquanto no francês antigo o termo *pute* adquiriu significado semelhante. Essa transição reflete a influência das normas sociais e religiosas, que reforçaram a visão pejorativa do termo, especialmente na Idade Média, período marcado pela moralidade cristã e pela repressão à sexualidade feminina (Bréal, 1992).

Um exemplo notável do uso pejorativo consolidado do termo "puta" na Idade Média encontra-se na cantiga de escárnio e maldizer de Pero da Ponte, dirigida ao segrel Bernaldo do Bonaval.

Dom Bernaldo, pois tragedes
 convosc' u~a tal molher,
 a peor que vós sabedes,
 se o alguazil souber,
 ((V5)) açoutar-vo-la querrá,
 e a **puta** queixar-s'-á,
 e vós assanhar-vos-edes.

Mais vós, que tod'entendedes
 quant'entende bom segrel,
 ((V10)) pero que demo queredes
 puta que nom há mester?
 Ca vedes que vos fará:
 em logar vos meterá
 u vergonha prenderedes.

((V15)) Mais que conselho faredes,
 se alguém al-Rei disser
 ca molher vosco teedes
 e a justiçar quiser?
 Senom Deus nom lhi valrá;
 ((V20)) e vós, a quem pesará,
 valer nom lhi poderedes.

E vós mentes nom metedes,
 se ela filho fezer,
 andando, como veedes,
 ((V25)) com algum peom qualquer,
 aqual temp'havemos já?
 Alguém vos sospeitará
 que no filho part'havedes!

(CIPM, 2011, CEM309)

No poema, que pôde ser acessado no Corpus do Português Medieval (CIPM), "puta" é empregada para descrever uma mulher de má fama, cuja presença ao lado de Bernaldo poderia lhe causar problemas judiciais e sociais. A associação da palavra com a vergonha e a desonra reforça o caráter estigmatizante do termo, evidenciando sua função de controle social e

moralização. Além disso, a cantiga sugere que a simples proximidade de uma "puta" poderia prejudicar a reputação de um homem, o que demonstra a rigidez dos padrões morais da época e a marginalização feminina imposta pela linguagem. Esse exemplo literário medieval ilustra como o vocábulo, originalmente sem valor pejorativo, foi progressivamente carregado de significados negativos, tornando-se um instrumento de exclusão e opressão no imaginário social.

Outro aspecto relevante diz respeito à relação do termo com a divisão das classes sociais durante o feudalismo e o início do capitalismo. Nora Buich, professora de literatura, escritora e colunista do jornal digital *La Izquierda Diario*, ressalta em seu artigo “A origem da palavra ‘puta’” (2016) que, nesse período, o termo foi empregado para estigmatizar mulheres pobres e operárias que, diante de condições econômicas precárias, recorriam à prostituição como meio de subsistência. Dessa forma, o vocábulo passou a funcionar não apenas como uma designação, mas também como um marcador de classe, gênero e controle social. A transformação etimológica de “puta” também se manifesta em expressões artísticas e religiosas. No contexto da arte renascentista, por exemplo, encontramos a figura dos *putti*, anjos infantis representados como símbolos de pureza e inocência. Apesar de compartilharem a raiz com *putta*, essas representações não carregam a conotação pejorativa, o que demonstra a multiplicidade de significados que uma mesma raiz pode adquirir em diferentes contextos culturais.

Por fim, na língua portuguesa, a palavra “puta” apareceu nos primeiros registros escritos no século XII, mantendo uma ligação direta com o latim *putta*. Desde então, a palavra evoluiu para abarcar significados variados, que vão desde insultos até expressões populares com sentidos figurados ou intensificadores. Essa transformação demonstra como o contexto social e cultural molda a linguagem, conferindo novos usos e significados às palavras.

Portanto, a etimologia de “puta” revela um processo complexo de transformações linguísticas e culturais. Do latim vulgar ao português moderno, a palavra carregou desde significados descritivos, até negativos e simbólicos, sempre influenciada pelas normas e valores das sociedades em que foi empregada. Estudar sua etimologia é fundamental para compreender como a linguagem reflete e molda as dinâmicas históricas, sociais e culturais.

AS “PUTAS” AO LONGO DO TEMPO

Dando continuidade à análise etimológica já apresentada, a presente seção embarca em uma jornada histórica pelo percurso do termo “puta”. A seção a seguir foi subdividida em duas partes,

com a primeira iniciando a trajetória da palavra nos primórdios do latim do século I, quando o vocábulo assumia um caráter descritivo ligado à juventude, seguindo o caminho através da transição para as línguas românicas, onde novas camadas de significado foram adicionadas. Ao adentrar nos períodos do Renascimento e da era moderna, observa-se como as transformações culturais, sociais e religiosas reconfiguraram a percepção do termo, que, a partir da segunda parte da seção, adquire conotações complexas na contemporaneidade, sendo esta considerada a partir do século XX até os dias atuais.

Essa abordagem diacrônica, construída com base em registros que atravessam épocas, permite a compreensão, de forma integrada, das transformações do vocábulo e sua ressignificação ao longo dos séculos. Além disso, evidencia-se como, ao longo da história, o termo sofreu processos de restrição semântica que o associaram a um campo de significação pejorativa e excludente. No entanto, especialmente na contemporaneidade, observa-se um movimento de ampliação semântica que ressignifica a palavra em determinados contextos, revelando sua capacidade de adaptação e seu papel na construção de novos discursos e identidades.

4.1 Do século I ao Século XIX

A palavra “puta” apresenta uma trajetória histórica e semântica que ilustra a complexidade das transformações linguísticas e sociais ao longo dos séculos. Seu percurso inicia-se no latim vulgar, onde os termos *putta* (feminino) e *puttus/putus* (masculino) designavam, de maneira neutra, “menina” ou “jovem”, derivando de uma raiz indo-europeia, possivelmente *pou-* ou *pu-*, que carrega a ideia de algo “pequeno” ou “jovem”. A partir do estudo do *Oxford Latin Dictionary* (1968), evidencia-se que a raiz *pvto/puteo* originou uma rede semântica de termos que abrangem tanto sentidos literais quanto figurados, os quais forneceram a base para a transformação do vocábulo “puta”. Segundo o dicionário, o termo original em latim vulgar – *putta* para o feminino e *puttus/putus* para o masculino – designava, de forma neutra, “menina” ou “jovem”, a partir de uma raiz indo-europeia (*pou-* ou *pu-*) associada à ideia de algo pequeno ou jovem. Essa designação inicial, desprovida de conotações morais, era estritamente descritiva.

Com o passar do tempo, registros literários datados do final do período republicano (século I a.C.) apontam para uma mudança semântica, em que o vocábulo começou a ser empregado em contextos urbanos e libertinos para se referir a jovens em situação de

prostituição. Embora o *Oxford Latin Dictionary* não apresente, de forma direta, uma citação explícita que evidencie essa transição, a análise crítica dos estudos filológicos indica que tais mudanças ocorreram como resultado da moralização e do estigma social imposto aos indivíduos vulneráveis naquele contexto. Essa primeira restrição semântica aponta para um deslocamento do significado original, que, ao ser associado a práticas de prostituição, passou a carregar uma conotação negativa.

Além disso, a raiz *pvto/puteo* gerou um conjunto diversificado de termos que exemplificam essa rede semântica. Por exemplo, o termo *putamen* designa a cobertura externa dura de frutos secos ou ovos, sugerindo a ideia de uma “casca” protetora, possivelmente resultante do endurecimento decorrente do apodrecimento. Da mesma forma, *putatio* refere-se à prática de podar – um sentido literal ligado à ação agrícola – mas também adquire um uso metafórico ao designar a avaliação ou o juízo formado sobre algo. Em continuidade, *putator* indica o agente que realiza a poda, enquanto *putatorius* qualifica instrumentos empregados nessa atividade. No campo das estruturas físicas, termos como *puteal* e *puteus* referem-se, respectivamente, à construção que circunda a boca de um poço e ao poço em si, evidenciando uma conexão entre a ideia de proteção, delimitação e, metaforicamente, de profundidade e ocultamento. Por fim, o verbo *puteo*, que significa “apodrecer” ou “cheirar mal”, constitui a base para diversos derivados que enfatizam a deterioração, tanto material quanto figurada.

Esses registros demonstram como a mesma raiz latina originou um espectro de termos que, embora partam de uma ideia central de decomposição e deterioração, se ramificam para descrever fenômenos tão diversos quanto a casca protetora de frutos, a prática da poda e a estrutura física dos poços. Essa rede semântica, construída a partir da raiz *pvto/puteo*, constitui um elemento fundamental para compreender as transformações semânticas posteriores que culminaram no uso atual do termo “puta”, o qual, em contextos variados, pode assumir tanto um sentido pejorativo – relacionado à imoralidade e à prostituição – quanto sentidos ressignificados em usos intensificadores ou metafóricos.

A compreensão dessas variações é essencial para a investigação das mudanças semânticas e sociolinguísticas ao longo da história, corroborando os estudos de Michel Bréal (1992), que enfatizam os processos de ampliação e restrição semântica, e os de Luciano Amaral Oliveira (2008), que situam essas transformações dentro de contextos históricos e culturais. Dessa forma, o estudo da etimologia do termo “puta” revela não apenas a transformação de seu significado, mas também a complexa interação entre linguagem, cultura e poder.

Durante o período de transição do latim para as línguas românicas, entre os séculos V e XII, essa restrição semântica se consolidou. Em documentos do português arcaico e do espanhol, a forma “puta” passou a designar, de forma quase exclusiva, mulheres associadas à prostituição. De maneira semelhante, o francês antigo adota o termo *pute* com conotações equivalentes. Esse processo de fixação do significado foi intensificado pela influência do cristianismo medieval, que, ao associar o termo à “degeneração moral”, reforçou a visão pejorativa do vocábulo (Bréal, 1992). Contudo, é importante notar que, nesse mesmo período, a ampliação simbólica se manifesta na arte religiosa, onde os *putti* – representações de anjos infantis – preservam a raiz *putta* sem carregar a carga negativa, demonstrando que a mesma origem etimológica pode gerar sentidos divergentes conforme o contexto cultural.

Na Idade Média e no período feudal, entre os séculos XII e XV, o uso da palavra “puta” assumiu contornos ainda mais complexos, funcionando como um instrumento de restrição de classe e de gênero. Nesse contexto, o termo passou a ser empregado para estigmatizar mulheres pobres e camponesas que recorriam à prostituição por necessidade econômica, evidenciando uma marginalização reforçada pela estrutura feudal e pela ascensão do capitalismo primitivo. Registros escritos em português desse período já vinculam “puta” à imoralidade, reforçando seu uso como insulto e instrumento de exclusão social.

A literatura trovadoresca galaico-portuguesa, especialmente as cantigas de escárnio e maldizer, apresenta um rico material para a análise da variação semântica e pragmática de palavras ao longo do tempo. Entre os termos recorrentes nessas composições, a palavra “puta” surge em diferentes contextos, carregando uma forte carga pejorativa e misógina. Através das cantigas analisadas, verifica-se que o vocábulo era utilizado tanto como insulto moralizador quanto como marcador de desqualificação social e econômica, o que reforça sua trajetória de restrição semântica ao longo da história.

As cantigas de escárnio e maldizer do século XIII operavam dentro de um contexto literário em que o humor, a crítica e a sátira social se manifestavam por meio da ridicularização de personagens específicas. Com base nas buscas por ocorrências do termo “puta” no Corpus Integralizado do Português Medieval (CIPM), a palavra aparece nesses textos não apenas como sinônimo de prostituta, mas como uma ofensa que ultrapassa a conotação estritamente sexual. Na cantiga de Pero da Ponte (ver seção anterior), por exemplo, a expressão “e a puta queixar-s'-á” é utilizada para fazer referência a uma mulher de “má fama” que acompanha Dom Bernaldo, sugerindo que a mera associação com tal figura poderia trazer desonra e problemas

judiciais. A palavra assume um caráter de desqualificação moral e social, reforçando a visão da mulher como um elemento que ameaça a reputação do homem.

Na cantiga dirigida a Martim de Cornes, Pero da Ponte utiliza a palavra "puta" de forma direta e depreciativa para descrever a mulher de Martim, que é retratada como infiel e promíscua.

Martim de Cornes vi queixar
de sa molher, a gram poder,
que lhi faz i, a seu cuidar,
torto; mais eu foi-lhi dizer:
((V5)) - Falar quer'eu i, se vos praz:
Demo lev'o torto que faz
a gram **puta** desse foder.

[...]

Mais, se vós sodes i de mal sem,
de que lh'apoedes mal prez?
((V10)) Ca salvar-se pod'ela bem
que nem um torto nom vos fez;
nem torto nom faz o taful,
quando os dados acha algur,
de os jogar [i] u~a vez.

(CIPM, 2011, CEM315)

No verso 7, o poeta afirma: "a gram puta desse foder", onde o termo "puta" é empregado para caracterizar a mulher como uma prostituta, sugerindo que ela trai o marido com outros homens. A utilização dessa sugere a ridicularização tanto para a mulher quanto para com o marido, que é retratado como ingênuo ou incapaz de controlar a situação. A sátira é reforçada pela comparação final, na qual o poeta equipara a mulher a um jogador que, ao encontrar dados à mão, não resiste à tentação de jogar. Essa analogia sugere que a mulher é naturalmente inclinada à promiscuidade, assim como o jogador é ao jogo. A palavra "puta", portanto, é utilizada para enfatizar a falta de virtude da mulher e a desonra que ela traz ao marido, refletindo os valores sociais da época, nos quais a honra feminina estava intimamente ligada ao comportamento sexual.

Na cantiga dirigida a Dona Ouroana, João Garcia de Guilhade utiliza a palavra "puta" de forma obscena e satírica, destacando a promiscuidade da mulher.

Dona Ouroana, pois já besta havedes,
 outro conselh'ar havedes mester:
 vós sodes mui fraquelinha molher
 e já mais cavalgar nom podedes;
 ((V5)) mais, cada que quiserdes cavalgar,
 mandade sempr[e] a besta chegar
 a um car[v]alho, de que cavalguedes.

E cada que vós andardes senlheira,
 se vo'la besta mal enselada andar,
 ((V10)) guardade-a de xi vos derramar,
 ca, pela besta, sodes soldadeira,
 e, par Deus, grave vos foi d'haver;
 e punhade sempr'en'[a] guarecer,
 ca em talho sodes de peideira.

((V15)) E nom [de]moredes muito na rua,
 este conselho filhade de mim,
 ca perderedes logu'i o rocim
 e nom faredes i vossa prol neu~a;
 e mentr'houverdes a besta, de pram,
 ((V20)) cada u fordes, todos vos farám
 honra d'outra **puta** fududancua.

E se ficardes em besta muar,
 eu vos conselho sempr'a [vos] ficar
 ant'em muacho novo ca em mua.

(CIPM, 2011, CEM172)

O poema é repleto de duplos sentidos, especialmente em relação ao termo "besta", que pode ser interpretado tanto como um cavalo quanto como uma referência à sexualidade da mulher. No verso 12, o poeta afirma: "ca, pela besta, sodes soldadeira", sugerindo que Dona Ouroana é uma mulher de vida livre, possivelmente uma prostituta. Embora a palavra "puta" não seja usada diretamente neste verso, o contexto deixa claro que a crítica está relacionada à promiscuidade da mulher. Já no verso 20, o termo é empregado de forma explícita: "honra d'outra puta fududancua". Aqui, a palavra "puta" é usada de maneira sarcástica, sugerindo que Dona Ouroana será tratada com a mesma "honra" que se daria a uma prostituta. A sátira é evidente, e a palavra serve para ridicularizar a situação da mulher, reforçando a ideia de que sua nova condição de proprietária de um cavalo não mudará sua reputação. A utilização da palavra "puta" neste poema reflete a visão social da época, na qual as mulheres que não se enquadravam nos padrões de virtude eram frequentemente ridicularizadas e desprezadas.

Na cantiga de Pero Garcia D'Ambroa, a palavra "puta" é utilizada para descrever uma mulher que outrora foi amada e admirada pelo poeta, mas que agora é retratada como uma figura ridícula e desprezível.

Se eu no mundo fiz algum cantar,
 como faz home com coita d'amor,
 e por estar melhor com sa senhor,
 acho-me mal e quero-m'en quitar:
 ((V5)) ca u~a dona, que sempre loei
 em meus cantares, e porque trobei,
 anda morrendo por um escolar.

Mais eu me matei, que fui começar
 com dona atam velha [e] sabedor;
 ((V10)) pero conorto m'hei [e] gram sabor
 de que a veerei cedo pobr'andar:
 ca o que gaanhou em cas d'el-Rei,
 andand'i pedind'e o que lh'eu dei,
 todo lho faz o clérigo peitar.

((V15)) Mais quem lhi cuida nunca rem a dar
 assi s'ach'en com[o] eu ou peor!
 E poi'la velha **puta** probe for,
 nõn'a querrá pois nulh'home catar,
 e será dela como vos direi:
 ((V20)) demo lev'a guar[i]da que lh'eu sei,
 ergo se guarir per alcaiotar.

(CIPM, 2011, CEM352)

No verso 17, o poeta afirma: "E poi'la velha puta probe for", onde o termo "puta" é empregado para caracterizar a mulher como uma prostituta velha e pobre, sugerindo que ela perdeu sua beleza e seu charme, e que agora ninguém mais a deseja. A utilização dessa palavra serve para enfatizar a queda da mulher, que antes era objeto de elogios nos cantares de amor do poeta, mas que agora é motivo de escárnio. A sátira é ainda mais evidente ao sugerir que a mulher está gastando tudo o que ganhou com um clérigo, o que reforça a ideia de que ela é uma "puta" que não merece respeito ou admiração. A cantiga é interessante por aludir à passagem do canto de amor para o canto satírico, refletindo a mudança de atitude do poeta em relação à mulher que antes elogiava. A palavra "puta", portanto, é utilizada para marcar essa transição, destacando a promiscuidade e a falta de virtude da mulher, que agora é retratada como uma figura desprezível.

No *Tesoro de la Lengua Castellana o Española* (1611), Sebastián de Covarrubias apresenta uma definição do termo "puta" que revela não apenas a carga pejorativa do vocábulo, mas também a visão moralizante e patriarcal da sociedade espanhola do século XVII.

PVTA, la ramera, ô ruin muger. Dixofe quali putida, porque ellà fiempre efcalentada, y de mal olor; y afsi Catulo dize.

Putida macha redde codicillos.

PVTERIA, la cafa de las malas mugeres, 6 el melindre de las tales. Putear, puntañero, putañear.

P'VTO, notæ fignificationis, & nefandæ.

(Covarrubias, 1611, p.152)

Covarrubias (1611) descreve "puta" como *la ramera*, *ô ruin muger*, estabelecendo uma relação direta entre a prostituição e a degradação moral feminina. Além disso, o autor sugere uma origem etimológica que associa o termo a *putida*, enfatizando uma ideia de impureza e corrupção física, justificando essa relação com a alegação de que as prostitutas estariam "sempre aquecidas" e exalariam "mau odor", evocando um sentido de decadência e repulsa.

Essa perspectiva não apenas reforça o estigma social da prostituição, mas também insere o termo dentro de um quadro de condenação moral fortemente influenciado pelos valores religiosos da época. A obra ainda inclui variações do termo, como *putería*, para designar bordéis e ambientes de prostituição, e *putañear*, verbo que sugere envolvimento com esse universo. A associação direta entre "puta" e espaços de marginalização social, como os bordéis, demonstra como a linguagem era utilizada para consolidar a exclusão e o controle sobre a sexualidade feminina.

A análise de Covarrubias também se estende à palavra *puto*, a qual ele registra como um termo marcado por *nota de significación nefanda*, isto é, uma expressão carregada de um sentido infame e condenável. Esse registro sugere que, já no século XVII, *puto* não se limitava apenas ao masculino de "puta", mas já possuía conotações que o ligavam a práticas vistas como moralmente desviantes, consolidando sua função como um marcador de desvio e reprovação dentro do contexto social e linguístico da época.

Essa entrada, além de documentar o uso linguístico, ilustra como o discurso lexicográfico do período reproduzia e legitimava hierarquias de gênero, consolidando a "puta" como símbolo da desordem social e da quebra do ideal de castidade feminina, central à moralidade católica pós-tridentina, ou seja, referente aos padrões éticos consolidados após o

Concílio de Trento (1545-1563), que reforçaram a autoridade da Igreja, a disciplina moral e o controle sobre a sexualidade, especialmente feminina, durante a Contrarreforma.

No período que se estende do Renascimento até a era moderna (séculos XVI a XVIII), o termo “puta” evidencia uma trajetória semântica complexa e multifacetada, cuja análise se dá partir do Vocabulário Português e Latino de Rafael Bluteau (1712), considerado um dos primeiros dicionários da língua portuguesa. Neste dicionário bilíngue (português-latim) e enciclopédico, Bluteau revela os intensos processos de transformação cultural, social e linguística pelos quais o vocábulo transitou. Durante a Renascença, marcada por uma retomada dos valores clássicos e uma profunda reavaliação das artes e ciências, o debate sobre a sexualidade e a moral também ganhava novos contornos.

A proposta etimológica apresentada por Bluteau evidencia duas linhas principais de análise: por um lado, a ideia de que “puta” derivaria de uma corrupção de “Puts”, termo que originalmente denotaria uma moça “pura, fina e limpa”.

*Outros derivão **Put** do verbo Latino **Putêre**, cheyrar mal, que não póde deyxar de exhalar fetidos vapores cloa-ca de lafcivas immundicias. Querem outros que **Put** seja antiphrafis de **Putus**, a, um, que em Latim val o mesmo que **Purus**, a, um. & que affim como se diz, Bellum, quia minimè bellum, & Parca, quòd nemini parcat; tambem se diga **Put**, quia minimè Puta, id eft, minimè pura. (Bluteau, 1712, p.837)*

Por outro, a hipótese de derivação do verbo latino *putere* – “cheirar mal” – que remeteria, de maneira metafórica, à emissão de vapores associados à impureza. Ambas as hipóteses ilustram como a transformação semântica do vocábulo se deu em diálogo com valores morais vigentes em diferentes épocas. Durante o Renascimento, a redescoberta do legado clássico trouxe consigo o resgate de certas conotações, ao mesmo tempo em que o novo espírito crítico e a valorização do indivíduo intensificavam a disputa entre uma leitura “pura” do passado e as exigências de uma moral contemporânea que condenava a transgressão dos papéis de gênero. Assim, o significado de “puta” não se fixou de forma estática, mas foi submetido a constantes negociações discursivas, refletindo as tensões entre o ideal de pureza e a realidade das práticas sociais.

Na era moderna, essa dinâmica se acentuou, acompanhando as transformações jurídicas e culturais que moldaram as sociedades ocidentais. O vocábulo passou a integrar um campo

lexical amplo, no qual termos derivados – como *putanheiro*, *putaria* e *putativo* – ilustram a multiplicidade de sentidos que se desdobraram a partir de uma raiz comum. Como descrito por Bluteau (1712) *putanheiro* passou a designar o frequentador de espaços associados à prostituição, ampliando a estigmatização para o universo masculino, embora com conotações distintas. Já *putaria* adquiriu uma dupla função: referir-se tanto à prática de frequentar tais ambientes quanto ao comportamento moralmente desregrado, evidenciando como a linguagem passou a ser utilizada para construir e reforçar divisões entre o público e o privado, entre o aceitável e o desviante. No caso do termo *putativo*, originalmente derivado de uma raiz ligada ao ato de julgar ou imaginar, observa-se uma ressignificação que o transforma em uma expressão jurídica – utilizada para designar, por exemplo, casamentos realizados de boa-fé, mas que, posteriormente, são questionados quanto à sua validade. Essa diversidade semântica demonstra como a linguagem é capaz de transitar entre funções pejorativas e técnicas, revelando a plasticidade dos significados ao longo dos séculos.

O uso e a transformação do termo “puta” durante o período que vai do Renascimento à era moderna não podem ser entendidos sem considerar as implicações sociais e de poder que permeiam a produção de sentidos. Em uma época marcada pela intensificação das normas morais e pelo fortalecimento das instituições jurídicas, a própria designação passou a funcionar como instrumento de exclusão e estigmatização, sobretudo em relação à figura feminina. A condenação implícita no vocábulo e suas variantes reflete não apenas uma tentativa de controlar a sexualidade das mulheres, mas também um esforço para manter determinadas hierarquias sociais que sustentavam uma visão de mundo profundamente marcada pela desigualdade de gênero. Ao mesmo tempo, o debate etimológico proposto por Bluteau evidencia a tentativa de racionalizar e legitimar essa exclusão, buscando explicações que conciliem a origem “pura” do termo com a sua função de rotular o comportamento desviante.

A transição dos séculos XVI a XVIII demonstra que as mudanças linguísticas estão intrinsecamente ligadas aos contextos culturais e políticos, sendo a transformação do termo um microcosmo das transformações que marcaram o pensamento ocidental. A partir do Renascimento, com seu retorno aos valores clássicos e sua inovação crítica, até a modernidade, período de consolidação de sistemas legais e morais rigorosos, a palavra “puta” se torna um elemento revelador das disputas ideológicas e das tensões entre tradição e modernidade.

A partir do século XIX, a palavra “puta” assume uma nova fase em sua trajetória semântica, evidenciada por registros lexicográficos e documentais que refletem as transformações culturais, sociais e linguísticas da modernidade. Durante esse período, o termo

já se consolidava como um marcador pejorativo, e sua presença nos dicionários e obras de referência passou a ser sistematicamente associada não só à imoralidade e à prostituição, mas também a outros usos figurativos e intensificadores. Essa consolidação pode ser observada, por exemplo, no *Diccionario da Língua Brasileira*, no qual Luiz Maria da Silva Pinto define “puta” da seguinte forma:

“Putá, s. f. (T. baixo) – Mulher desonesta, que pecca contra a castidade, meretriz.
 Putanheiro, adj. (T. obsceno) – O que trata com mulheres desonestas para pecar contra a castidade.
 Putativo, adj. – Que é tido ou reputado como tal.
 Putear, v. n. f. (T. baixo) – Viver vida de prostitutas; frequentar as prostitutas.
 Putega, s. f. – Mulher desonesta que se prostitui.
 Puto, s. m. – O que se prostitui ao vício dos sodomitas; aquele que se dá a tais vícios.”

(Pinto, 1832, p.897)

Essas definições revelam não apenas a fixação do vocábulo no léxico popular, mas também a sua ampla variação semântica. No início do século XIX, o termo “puta” já era empregado de forma ampla para designar mulheres consideradas imorais e desonestas, e sua utilização estava intrinsecamente ligada a julgamentos morais que reforçavam as estruturas de poder e as desigualdades de gênero. O registro de Pinto (1832) evidencia essa concepção, pois as entradas lexicográficas apontam para uma carga moral e pejorativa que se impunha tanto na linguagem formal quanto na oral.

No mesmo período, o avanço do capitalismo e as transformações das relações sociais contribuíram para a intensificação do uso do termo como instrumento de exclusão. Documentos e dicionários da época, como o *Novíssimo Dicionário Latino-Português* (Saraiva, 1927), confirmam que “puta” já estava consagrada como designadora de mulheres associadas à prostituição e comportamentos imorais, funcionando também como um insulto que reforçava a ideia de degradação e inferioridade feminina. Esse período marca, assim, a consolidação de uma função normativa do vocábulo, onde a moralidade, sustentada por instituições religiosas e pelo próprio Estado, impunha padrões rígidos de conduta, especialmente no que diz respeito à sexualidade feminina.

4.2 Do século XX aos dias atuais

No século XX, essa conotação pejorativa manteve-se, porém, o uso do termo expandiu seu espectro semântico, adquirindo novas dimensões. Com a modernização dos meios de comunicação – por meio da imprensa, do cinema e da televisão – “puta” passou a integrar o discurso popular de forma ainda mais expressiva. A persistência do uso de “puta” como insulto e instrumento de exclusão social é amplamente documentada. Diversos discursos políticos, sociais e literários utilizam o termo para reforçar hierarquias de gênero e para desqualificar mulheres que desafiam as normas vigentes, mantendo, assim, seu caráter estigmatizante.

Com base nas pesquisas feitas através do Corpus do Português, ferramenta linguística online que reúne um vasto conjunto de textos em língua portuguesa, podemos observar várias ocorrências o termo “Putá” em diversos registros organizados na seção Histórico/Gêneros. Em *A Noite da Vergonha*, obra de Mário Ventura, publicada em 1959, podemos observar uma narrativa de um escândalo político e moral em meio às tensões sociais da sociedade portuguesa. No trecho a seguir, a expressão “sua puta... seu coirão... pagas-me isto tudo!” é utilizada de forma contundente para denotar a desqualificação e o estigma associados à figura feminina.

fácil pensar assim, não é verdade?;Se desprezara uma coisa que a maioria ambicionava.. A rapariga dos seios grandes despertou a atenção de Ramiro e dos passageiros que lhe ficavam próximos quando começou a discutir com o companheiro. Este argumentava;por monossílabos, mas teimoso a ponto de a irritar. Batia os pés e abanava a cabeça calva, com evidentes sinais de imbecilidade. As mãos, à altura da corrente do colete, enclavinavam-se à medida que a cólera impotente o possuía. A voz saía-lhe ora rouca ora esganiçada, a marcar um misto de maldade e receio nos olhinhos miúdos afogados em rugas. Todo ele era mesquinhez, reflectida na pobreza do fato a contrastar com a corrente de ouro do relógio e dois anéis. Entre os resmungos que lhe saíam da boca quase desdentada, Ramiro, atento, distinguiu: " Sua **puta**.. seu coirão.. pagas-me isto tudo!.. " Vermelha ide indignação e indiferente aos olhares curiosos, a rapariga invectivava-o, curvando-se sobre o vulto que espumava de cólera. Ramiro percebeu então que ela não era filha do velho, mas de momento custou-lhe a crer que fossem casados. " Queres-me fazer o mesmo que fizeste à desgraçada da tua mulher " gritava compondo as pregas da blusa. " Mas enganas-te, que já não tens unhas para mim " E as mãos dançavam-lhe á frente da cara, desenfreadas, contendo com dificuldade o impulso de se abaterem sobre o velho. Resmungando sempre, cabeça baixa para não a olhar, ele murmurou: -Ainda tenho mãos para te partir a cara.. Ela fitou-o apenas, com um desprezo infinito por uma insignificância -que se permitia basófiás, e depois exclamou, num tom definitivo que

cortava toda a resistência: Cala-te, meu.. meu velho (Davies; Ferreira, 2006-, 19:Fic:Pt:Ventura:Vergonha)

Neste trecho, o termo “puta” aparece no momento em que o personagem Ramiro, tomado por uma cólera intensa, utiliza a palavra para insultar e desmerecer a mulher com a qual interage, evidenciando não apenas sua fúria, mas também um discurso de exclusão que remete a uma tradição histórica de marginalização das mulheres.

Por outro lado, em muitos contextos informais, a palavra é utilizada como intensificador em expressões como “puta ideia” ou “puta trabalho”, onde, embora ainda mantenha sua carga negativa, serve também para enfatizar a intensidade ou a relevância de algo, revelando um fenômeno de ampliação semântica que permite a modulação de intensidades emocionais, fenômeno que viria a se intensificar ainda mais no fim do século XX e início do século XXI. Retirado também através da busca pelo Corpus do Português: Histórico/Gêneros, temos mais ocorrência do vocábulo “puta”, dessa vez em um trecho da obra *Santa Sofia* (1997), de Angela Abreu. Na obra, que narra um romance ambientado em Minas Gerais em meio a um escândalo político e moral, temos a ocorrência do vocábulo “puta” revelando uma camada complexa de significado, demonstrando a ambivalência semântica do termo na contemporaneidade.

sobrancelhas cerradas e os bigodes negros. Usava um terno de linho branco, a camisa vermelha aberta exibia três correntes de ouro entre os pêlos negros abundantes. Cheirava a Pacco Rabanne pour homme, e isso fez com que voltasse a consciência fatal do meu próprio cheiro. Para o próprio bem dele, tentei ficar o mais longe possível, mas Rafic insistia em se aproximar e dar palmadas nas minhas costas. - Já sei que é um grande apreciador de arte, Castilhos me contou tudo a seu respeito. Fiquei imaginando que tipo de coisa Castilhos poderia ter contado. As unhas esmaltadas de Rafic apontaram o quadro da mu-lata: - Não é uma verdadeira obra-prima? Minha última aquisição, sou um colecionador exigente, você sabe. Rapaz novo, mas muito original. A moça é modelo, atriz, cantora. **Put a talento, puta mulher.** Até pedi a Castilhos que desse uma força no jornal. - Muito expressivo - eu disse. A náusea voltava, mais forte. Rafic me puxou pelo braço para um bar também branco, no canto da sala. As qualidades da mulata, do pintor, de Castilhos, do jornal - e as minhas, temi. Ele me empurrou para cima de um banquinho branco, deu a volta no balcão, debruçou-se na minha cara. Ornar Shariff no papel do magnata grego, o senhor embaixador de Érico Veríssimo. Mostrou a vitrine de bebidas. - Vai querer o quê? Tudo estranja, legítimo. Tinha pensado numa singela água com gás. Mas diante daquela visão do

paraíso - Cutty Sarks esplendorosos, Gordons translúcidos, Fundadores dourados - sucumbi à tentação. * Jack Daniel' s, puro. - Seu sacana - ele riu, dentes de ouro ao fundo (Davies; Ferreira, 2006,19:Fic:Br:Abreu:Onde)

No trecho em que se lê “puta talento, puta mulher”, o uso da palavra não se restringe à designação pejorativa tradicional – associada historicamente à prostituição e à degradação moral –, mas opera como intensificador expressivo, conferindo ênfase à qualidade ou originalidade da personagem em questão. Ao mesmo tempo em que a expressão valoriza, de forma quase irônica, o talento e a condição de mulher da personagem, ela remete a um legado de estigmatização enraizado em discursos machistas e moralizantes que, desde a Idade Média, atribuíam à mulher uma carga de transgressão e imoralidade.

A palavra “puta” na contemporaneidade revela um processo dinâmico de expansão semântica e, simultaneamente, de restrição e ressignificação, reflexo das profundas transformações sociais e culturais ocorridas no século XXI. Como já analisado, a palavra foi historicamente marcada por conotações pejorativas e, muitas vezes, utilizada como instrumento de estigmatização – sobretudo de mulheres que transgrediam normas morais e sexistas –, essa unidade lexical tem sido ressignificada e diversificada em seus usos, ampliando seu espectro funcional para além da mera designação de uma profissão ou de um insulto. A dualidade de uso do termo revela uma tensão intrínseca entre a manutenção de práticas opressoras e a emergência de discursos subversivos. Essa ambiguidade ressalta a capacidade da linguagem de simultaneamente reforçar normas sociais e oferecer possibilidades de contestação, demonstrando que o mesmo elemento lexical pode ser empregado tanto para legitimar quanto para desafiar estruturas de poder estabelecidas.

Observa-se que essa transformação semântica não se restringe à mera mudança de uso, mas reflete uma renegociação profunda dos valores sociais. Essa mudança indica que o termo, embora carregado de um histórico de estigmatização, passa a ser percebido também como um espaço de disputa simbólica, onde a própria linguagem se torna palco para a reinterpretção dos papéis sociais e das identidades.

Inicialmente, é possível observar que, em estudos recentes, o termo “puta” tem sido analisado tanto do ponto de vista de sua função intensificadora quanto de seu papel na construção de identidades e na crítica ao machismo estrutural. Basso e Souza (2020) propõem uma abordagem formal que evidencia o uso de “puta” como intensificador, apontando para a

sua capacidade de modular a avaliação de qualidades em contextos informais – por exemplo, na expressão “uma puta festa”, em que a palavra funciona para elevar o grau de apreciação do evento. Tal uso, longe de ser acidental, demonstra a ambiguidade inerente ao termo, que oscila entre a função descritiva e a expressiva, evidenciando um caráter híbrido entre o uso veri-condicional e o uso-condicional. Podemos verificar a ocorrência de uso dessa expressão em um post feito em um fórum online voltado para ex-membros da religião Testemunhas de Jeová. O trecho a seguir foi registrado como ocorrência da palavra “Putá” através da busca no Corpus do Português: Web/Dialetos.

fica me enchendo o saco por meio de orações com a mesma pergunta de sempre: "« Se tu existe, por que tu não aparece "». Espero que todo mundo leia esse post porque eu não vou responder essa pergunta de novo. Eu não apareço por um motivo muito especial, o qual vocês não estão muito familiarizados: Eu Trabalho!... Muito! Você nunca vai ver Deus passeando em o shopping, tomando cafezinho em o StarBucks, fumando "« umzinho "» ali em o Posto 9. Eu trabalho mano, criei o mundo em 7 dias, EM O ESCURO!!! E outra coisa meu, eu apareço. Eu não apareço pra você que mora em o interior de Roraima. Essa semana mesmo eu tive: um almoço com o Eike Batiste, uma reunião com o Luciano Huck e fui em uma **puta** festa com o Charlie Sheen. Eu já sei que você vai falar: "« Pô Deus... Você é Elitista pra Car & \ % & \ %... Você só aparece para a gente rica. " Mentira... é verdade! Meu filho era pobre, nasceu pobre, morreu pobre... se bem que, depois que ele renasceu, depois de um tempo fundou a igreja católica e dinheiro não foi mais problema. Ai as pessoas começam a não acreditar em mim, e ai nascem os ateus. Você sabe o que é um ateu? Não? Beleza, vou te explicar o que é um ateu: o ateu é um troll, uma pessoa infeliz, metida a inteligente, que fica falando merda a meu respeito. Sabe por que? Eles tem inveja de mim porque EU convenci o mundo todo que EU criei o universo e que EU existo sem apresentar provas (Davies, 2016-, s.p)

O uso da palavra “puta” no discurso atribuído à “Deus” revela uma complexa articulação entre humor, ironia e a crítica social inerente ao discurso contemporâneo. O autor, adotando uma voz que se apresenta como divina, utiliza o termo “puta” em uma das passagens – “fui numa puta festa com o Charlie Sheen” – de forma que o vocábulo transcende seu sentido estritamente pejorativo e adquire uma função multifacetada. Ao empregar “puta” como intensificador, o autor parece buscar reforçar a intensidade das experiências vividas – a festa é qualificada como extraordinária ou, pelo menos, digna de nota –, o que se alinha com fenômenos de ampliação semântica observados em contextos coloquiais, onde o termo deixa

de ser apenas um insulto para também funcionar como um recurso estilístico que eleva a expressão de uma avaliação subjetiva.

Adicionalmente, estudos recentes em semântica e análise de discurso apontam que o uso de “puta” como intensificador possui uma contribuição composicional que interage com o nome ou adjetivo que modifica, elevando o padrão contextual da escala de avaliação. Em construções sintáticas do tipo [Det + “puta” + SN ou adjetivo], o termo pode exercer uma função ambígua, ao mesmo tempo intensificando uma qualidade e rememorando seu histórico pejorativo. Podemos verificar este tipo de construção sintática na ocorrência a seguir, retirada do Corpus do Português: Web/Dialetos, ao realizar a busca pelo termo “Aquele puta”. O texto abaixo é um trecho retirado de uma conversa realizada por meio de uma publicação do ano de 2010 no Fórum Cifraclub, onde os usuários estavam interagindo a respeito do porquê ocorrerem dores musculares após o treino de musculação realizado após um longo período sem se exercitar.

Por que dói mais em o dia seguinte? Pois é, você acorda e vai para a academia. Primeira vezes depois de meses, ou a primeira vez de todas. Tranquilo, em a hora sente um pouco, mas logo passa e fica tranquilo o resto de o dia inteiro. Ai você vai dormir achando que tá de boa... inocente engano. Acorda em o dia 2 com **aquele puta dor**. E o pior, em o dia 3 dói ainda mais, mesmo não tendo forçado os músculos em o dia 2. Pode ser por conta de a Inflamação que acontece porque a atividade física promove um forte atrito entre as fibras musculares e em resposta a a agressão, o corpo produz substâncias vasodilatadoras que estimulam as terminações nervosas. O resultado é a dor. Há também as microrupturas que são causadas quando os músculos são submetidos a o esforço sofrendo um estiramento. Isso leva a o rompimento de as proteínas, que formam as fibras musculares. Surgem, então, lesões microscópicas que também provocam a sensação dolorosa. Quando o músculo fica fatigado durante os exercícios as fibras consomem energia e se abastecem de gorduras e carboidratos, mas é preciso quebrar suas moléculas. Então o corpo produz o ácido láctico. Em excesso, essa substância, acusada de provocar a dor, em (Davies, 2016-, s.p)

Essa dualidade semântica é objeto de análise em pesquisas que investigam a natureza dos intensificadores na língua portuguesa, apontando para a complexidade dos mecanismos de modulação do significado em contextos informais (Basso e Souza, 2020). A dimensão expressiva do uso de palavrões ressalta que, para os interlocutores, a função emocional da linguagem ultrapassa as fronteiras da formalidade. Essa expressividade evidencia a importância

dos termos considerados tabu como veículos de intensidade e de liberação, refletindo a necessidade humana de exteriorizar sentimentos de forma contundente e, ao mesmo tempo, criar laços afetivos em contextos de intimidade.

Do ponto de vista da expressividade, o estudo realizado por Damião Inácio da Silva e Renata Livia de Araújo Santos (2024) enfatiza que o palavrão – e, em particular, o uso de “puta” em expressões como “puta merda!” – cumpre funções múltiplas no discurso cotidiano. A pesquisa, fundamentada na Sociolinguística Variacionista, revela que o emprego de palavrões serve como válvula de escape emocional, intensificando a comunicação de sentimentos e criando vínculos afetivos entre interlocutores. Essa perspectiva mostra que o uso de “puta” não se restringe a um registro vulgar ou meramente ofensivo, mas assume também um papel expressivo que pode contribuir para a catharsis e para a dinâmica interacional em diversos contextos.

No Corpus do Português: Web/Dialetos, podemos analisar uma ocorrência de uso de “Putá” na forma de expressão. O trecho a seguir, presente no corpus, foi retirado do blog *Claudiana Letras*, onde na postagem intitulada “O fantasma do desemprego”, datada de 30 de agosto de 2017, observa-se a ocorrência da expressão “puta merda” empregada como intensificador emocional.

a dor de a despedida, ficou feliz com a certeza de ter- los deixado em boas mãos... quinta-feira, 11 de abril de 2013 Em a terça-feira (05.04), em meio a um frenesi louco de trabalho, andando de um lado a outro pra resolver coisas, certa hora peguei meu telefone pra ligar e percebi que não tava com mim. Desespero! Em fração de segundos a gente pensa em a agenda, em as fotos e... claro, em as parcelas de o maldito aparelho que pobre compra em 3.634 prestações. Liguei para os lugares por onde passei e... nada. Liguei para o meu número: "« alô! Oi, acabei de encontrar esse telefone em o chão, em a porta de o... e gostaria de devolver "» Em os tempos de hoje, o primeiro pensamento foi: "« **puta** merda! tô lisa! Vou ser extorquida! E agora, quem vai me devolver a troco de nada? " -- Olha, tô em o meu trabalho, que fica em o endereço.... Mais medo. -- Rodrigo Santos?, vai lá por favor! Só pode ser casinha -- Bora lá junto -- Tá beleza! Chegamos em o local informado e lá encontramos... Dona Dirce com meu telefone em as mãos. Abriu um sorriso e imediatamente contou como encontrou o foragido de a minha bolsa. Nada me pediu Eu, claro, agradei milhões de vezes e disse que o mundo precisava de gente como ela. Deixei um agrado (não monetário. Como falei, tava lisa) que ela, envergonhada, agradeceu mais a mim que eu a ela.

Palmas para Dona Dirce (clap clap clap) que deu um tapa em a cara de a minha desconfiança (Davies, 2018-, s.p)

No trecho analisado, a expressão “puta merda” é utilizada para transmitir uma sensação de indignação e desesperança diante da situação de desemprego. Ao empregar esse vocábulo, a autora do blog não apenas intensifica o conteúdo emocional de sua narrativa – como forma de enfatizar a gravidade e o impacto da letargia laboral –, mas também remete a uma tradição histórica de uso pejorativo que, paradoxalmente, é ressignificada no contexto contemporâneo. Na expressão “puta merda”. O termo não é utilizado para remeter diretamente à condição de prostituta, mas sim para intensificar o grau de insatisfação ou indignação expressa. A palavra "merda", também envolta em um histórico de tabus por estar relacionado a algo considerado nojento e repulsivo (fezes), é usado metaforicamente com frequência para denotar fracasso, azar ou descontentamento (ex.: "*Que merda!*"). O termo, quando unido a "puta", resulta em uma sinergia de negatividade onde dois termos marginalizados se combinam para criar uma expressão que, em vez de reforçar o sentido literal de ambos, os neutraliza parcialmente, transformando-os em um marcador de emoção intensa, como surpresa positiva, frustração, e, como visto no trecho analisado, indignação.

O uso de “puta” neste contexto permite ao falante modular a intensidade do sentimento, funcionando de maneira semelhante a intensificadores como “muito” ou “pra caramba”. Por outro lado, é importante notar que, mesmo quando empregado como intensificador, o termo mantém resquícios de sua trajetória etimológica e dos julgamentos morais que lhe foram impostos ao longo da história. Embora, no uso cotidiano, “puta” possa funcionar como mero recurso expressivo, sua presença evoca uma tradição de exclusão social e de imposição de valores morais, que associaram a palavra à ideia de imoralidade e à marginalização das mulheres. Dessa forma, o uso de “puta” em “puta merda” revela uma tensão inerente à linguagem, na qual a reapropriação de um vocábulo carregado de histórico permite simultaneamente a ampliação de sua função intensificadora e a rememoração de seu passado estigmatizante.

A variedade de contextos nos quais o termo é utilizado ilustra a adaptabilidade da linguagem às realidades vividas pelos seus usuários. Essa diversidade operacional permite que o vocábulo se insira em diferentes registros – do coloquial ao artístico – e se transforme de acordo com as necessidades expressivas e identitárias de cada grupo, evidenciando a natureza plural e multifacetada da comunicação contemporânea. O termo ‘puta’ tem sido amplamente

empregado como intensificador de adjetivos e substantivos, conferindo maior expressividade ao enunciado e estabelecendo gradações avaliativas que vão do positivo ao negativo, a depender do contexto de uso." (Basso; Souza, 2020, p. 533)

A ambivalência funcional do vocábulo evidencia a complexidade inerente ao discurso contemporâneo, onde o mesmo termo se adapta a diferentes contextos emocionais e ideológicos.

No que se refere às questões gramaticais e classificatórias, Chain (2018) oferece uma análise detalhada sobre as múltiplas funções que a palavra “puta” pode desempenhar em diferentes contextos sintáticos. Segundo a autora, embora dicionarizada tradicionalmente como substantivo, “puta” pode funcionar também como adjetivo e, em certas configurações, até como advérbio intensificador.

A análise sintagmática proposta evidencia que, em sentenças como “Maria está puta”, o termo pode ser interpretado tanto na acepção de um estado – por exemplo, “irritada” – quanto na sua função original de designar uma condição profissional, dependendo da posição e dos elementos de concordância presentes na frase. Essa multiplicidade de funções mostra como a linguagem é flexível e permite que um mesmo elemento lexical seja utilizado tanto para intensificar sentimentos quanto para questionar estruturas de poder, demonstrando uma natureza que transcende categorias fixas.

O texto a seguir, é um trecho retirado através da pesquisa pelo termo “está puta” no Corpus do Português: Web/Dialetos, e faz parte de um texto publicado no blog *Esclerose Múltipla e eu.*, escrito por Bruna Rocha (2013)

(...)em o corredor. Não devia ter mais que 12 anos e estava dormindo. Deve ter dormido durante o exame. Por a falta de cabelos e como ele vinha de o Hospital Santo Antônio, julguei que ele tinha algum tipo de câncer. Fiquei olhando pra ele e pensando "« como é que deixam uma criança sozinha aqui? ". Em isso o menino abriu os olhos, um pouco assustado, me olhou e perguntou: eu morri? Cheguei mais perto, peguei em a mãozinha de ele e disse que não, que ele tinha ido fazer um exame e que já já iam levar ele para o quarto de ele. Ele tentou arrancar os acessos de soro, mas eu segurei e expliquei que não podia. Fiquei com dózinho por ver uma criança com medo de acordar e ter morrido. E **fiquei muito puta** com a equipe responsável de o hospital por deixar a criança ali sozinha. Já imaginou se ele acordasse sozinho? Em o fim eu tava em o lugar errado (porque familiares não podem ficar ali), mas tava em o lugar certo: P Sim, a morte me perseguiu em esses dias. Mas pra me mostrar o quanto eu tenho uma vida feliz. O quanto a minha vida é um presente. E o quanto eu realmente

vivo, não apenas existo. Porque se é pra ocupar espaço em esse mundo, que seja pra fazer alguma coisa. Bom, o post não tem nada a ver com EM. Mas ao mesmo tempo tem tudo a ver né, afinal, quem nunca pensou: nossa, eu tenho EM, a partir de agora vou mudar minha vida. E eu conheço muita gente que mudou para muito melhor. Já que ter EM é uma(...) (Davies, 2016-, s.p)

No trecho, a ocorrência da palavra “**puta**” na expressão “fiquei muito **puta** com a equipe responsável do hospital por deixar a criança ali sozinha” evidencia de maneira contundente o uso do vocábulo como intensificador de indignação e crítica social. Nesse contexto, o termo é empregado para intensificar a emoção negativa decorrente da situação de descaso observada. A escolha do termo “**puta**” serve, assim, não apenas para transmitir a intensidade do sentimento de raiva e repúdio diante da negligência institucional. O emprego do termo como intensificador neste caso demonstra a ambivalência do vocábulo: por um lado, ele conserva seu potencial pejorativo, remetendo à tradição de exclusão e estigmatização; por outro, ao ser utilizado para enfatizar a raiva, funciona como um recurso expressivo que capta de forma contundente a magnitude da indignação sentida pela autora.

Entretanto, o emprego de “puta” como insulto e instrumento de exclusão social permanece presente, especialmente na reprodução de discursos machistas e na marginalização de mulheres. Em muitos discursos populares e em produções midiáticas, o termo é utilizado para desqualificar mulheres, reforçando estereótipos que associam a figura feminina à imoralidade e à transgressão dos padrões estabelecidos. Silva (2024) destaca que, em documentos e estudos lexicográficos do século XIX, o termo já estava consolidado com uma forte conotação de desonestidade e imoralidade, sendo empregado para estigmatizar mulheres que, em função de condições socioeconômicas precárias, recorriam à prostituição como meio de sobrevivência. Essa perspectiva continua a influenciar o uso do termo no século XXI, onde expressões como “se veste como uma puta” ou “age como uma puta” são recorrentes em discursos que visam reforçar hierarquias de gênero e manter padrões de moralidade tradicionais. Do ponto de vista reflexivo, o emprego do termo no discurso sexista ilustra como os mecanismos de opressão se perpetuam por meio da linguagem. Essa utilização, ao mesmo tempo que reafirma hierarquias de gênero, também provoca uma reação crítica interna, sugerindo que o estigma pode ser, por si só, um convite à contestação e à transformação dos discursos tradicionais.

O trecho a seguir, retirado do Corpus do Português: Web/Dialetos, é parte de um texto publicado pela *Rolling Stone* em 04 de maio de 2013, sendo um artigo de cunho jornalístico intitulado "Lobão afirma que vai se apresentar com Mano Brown na Virada Cultural, e o rapper nega"

Virada. Queremos mostrar a a galera que podemos divergir e ao mesmo tempo caminhar juntos "». Três horas mais tarde, o perfil de os Racionais negou e ironizou a versão: "« O Lobinho agora esta falando que conversou com Brown. Mentiroso! ". A mensagem foi replicada por o próprio Mano Brown. A confusão em esta semana começou quando, em entrevista a o jornal Folha=de=S.=Paulo, Lobão acusou os Racionais de ser "« o braço armado de o governo, são os anseios de os intelectuais petistas, propaganda de um comportamento seminal de o PT "», e em seu novo livro, Manifesto do Nada em a Terra do Nunca, critica o clipe de o grupo para a música "« Mil=Faces=de=um=Homem=Leal=(Marighella) "». "« Não entendo a postura de ele agora. Ele, que pregava a ética e rebeldia, age como uma **puta** para vender livro "», rebateu Brown em o Twitter em a quinta, 2. "« O Lobão está sendo leviano e desinformado "», criticou e concluiu: "« Tô sempre em o Rio de Janeiro, se ele quiser resolver como homem, demorô! De o jeito que aprendi aqui "». Se vão tocar juntos ou não, o fato é que tanto um como o outro estão escalados em a programação de a Virada Cultura. Lobão se apresenta em o palco de a Avenida São João, a as 18h de o sábado, 18, enquanto o show de os Racionais acontece em o domingo, 19, a as 15h, em o Palco Julio Prestes.

(Davies, 2016-, s.p)

A utilização da palavra “puta” ocorre no contexto de uma troca de declarações acaloradas entre Lobão e Mano Brown, marcando um momento de intensa polarização no discurso público. Em sua réplica no Twitter (atual X), Mano Brown afirma: “Não entendo a postura dele agora. Ele, que pregava a ética e rebeldia, age como uma puta para vender livro”, utilizando o termo de maneira a reforçar a crítica à suposta hipocrisia de Lobão. Essa ocorrência exemplifica a ambivalência do vocábulo “puta”, que, neste contexto, não é meramente um insulto vulgar, mas usado também como uma estratégia retórica para evidenciar a contradição entre a postura moral pregada e a ação de buscar interesses comerciais. Ao afirmar que Lobão “age como uma **puta** para vender livro”, Mano Brown sugere que o comportamento do roqueiro se afasta dos ideais de autenticidade e rebeldia que historicamente sustentaram sua imagem, aproximando-o, portanto, de um comportamento que ele considera imoral ou desonesto. Essa utilização do termo, portanto, conjuga tanto a função intensificadora – ao reforçar a crítica e a

indignação do falante –, quanto a função pejorativa, que remete ao estigma associado à prostituição.

A resignificação do termo para fins de empoderamento aponta para um processo de subversão das normas culturais estabelecidas. Essa reapropriação representa um movimento em direção à autonomia simbólica, onde o próprio insulto se converte em um grito de resistência e de afirmação identitária, demonstrando que os termos carregados de estigma podem ser transformados em instrumentos de liberação.

No cenário do século XXI, a circulação do termo “puta” se mostra muito presente através de novos canais de comunicação, como as redes sociais, que potencializam a difusão de usos inovadores e contestatórios. Essa dispersão digital contribui para a emergência de discursos que, por meio da resignificação, desafiam os significados fixos atribuídos ao termo historicamente. Assim, enquanto alguns segmentos da sociedade mantêm o uso pejorativo do vocábulo para reforçar estereótipos de gênero e exclusão, outros recorrem à reapropriação como estratégia de empoderamento e de afirmação identitária, ampliando as possibilidades interpretativas da palavra. A versatilidade gramatical observada no termo demonstra a natureza fluida das categorias linguísticas. Essa flexibilidade permite que a palavra se desdobre em múltiplas funções, revelando que a estrutura formal da língua pode ser adaptada de acordo com as necessidades comunicativas, o que reforça a ideia de que as fronteiras entre classes gramaticais são permeáveis e sujeitas a constantes negociações contextuais.

A análise semântica realizada por Silva (2024) a partir da música “todxs putxs”, da cantora Ekena, oferece uma perspectiva crítica sobre o emprego da palavra “puta” no discurso machista.

Que se usa decote, é **puta!**

E se a saia tá curta, é **puta!**

E se dá no primeiro encontro, é **puta!**

Se raspa o cabelo, é sapa!

E se deixa crescer os pelos, é zoadá!

Se tem pau entre as pernas, é trava!

Mas se bota salto alto, é santa!

E se usa 44, é gorda!

Mas se usa 38, é muito magra!

Se sai depois das onze, vai voltar arrombada!

Porque ela pediu, né? Tava na cara!

Olha a roupa que ela saiu de casa!

(Ekena, 2021)

Nesse contexto, o termo não apenas cumpre a função de intensificador, mas também se torna um marcador da linguagem sexista, apontando para a imposição de padrões normativos que punem a liberdade feminina. A autora destaca que a utilização do termo – seja de forma explícita ou velada – reforça estereótipos de gênero e contribui para a manutenção de relações de poder desiguais, ao mesmo tempo em que cria um espaço para a contestação e a reflexão acerca da construção social da feminilidade. A análise dos contrastes e ambiguidades no uso contemporâneo do termo sublinha que a linguagem é um campo em constante disputa, onde os significados são objeto de renegociação. Essa tensão não apenas reflete as transformações sociais, mas também aponta para uma dinâmica de resistência que se manifesta na própria estrutura do discurso, permitindo que o vocábulo seja reinterpretado e reconfigurado conforme as mudanças culturais.

Paralelamente, o fenômeno da ressignificação linguística também se destaca no debate contemporâneo. A obra *E se eu fosse puta*, de Amara Moira (2016), discute escolhas de vida e busca por respostas em sua experiência como travesti e prostituta. A autora exemplifica em sua obra, uma tentativa de subversão dos sentidos tradicionalmente atribuídos ao vocábulo “Putá”. Amara Moira, que se apresenta como uma travesti-escritora, propõe em seu livro uma reapropriação do termo como um símbolo de resistência e empoderamento. Nesse contexto, “puta” deixa de ser unicamente um insulto para se transformar em uma identidade multifacetada, desafiando as imposições de uma linguagem machista e as normas sociais que historicamente marginalizaram as mulheres e as identidades trans. Se antes a palavra ‘puta’ era usada para subjugar e desqualificar, hoje ela pode ser ressignificada como símbolo de empoderamento, desafiando os discursos que historicamente a colocaram como ofensa. (Moira, 2016, p. 42)

Essa reconfiguração do significado, embora não seja adotada de forma universal, ilustra a dinâmica de ampliação semântica, na qual o vocábulo passa a funcionar como um instrumento de contestação e de luta contra discursos opressores. Em seu discurso, “puta” passa a simbolizar não apenas a transgressão dos códigos morais impostos pela sociedade patriarcal, mas também a afirmação de uma identidade plural e contestatória, capaz de transformar o estigma em uma forma de resistência cultural.

No século XXI, observa-se, portanto, uma pluralidade de significados e funções para a palavra “puta”, o que denota uma transição semântica complexa. Essa transformação está intimamente ligada às lutas por igualdade de gênero e à crescente crítica aos discursos machistas que historicamente moldaram o uso de termos depreciativos. Enquanto alguns segmentos da sociedade continuam a empregar “puta” como um instrumento de opressão – reforçando estigmas e hierarquias – outros movimentos sociais e culturais têm buscado reapropriar o termo, ressignificando-o como símbolo de resistência e de afirmação identitária

Considerando o cenário do século XXI, torna-se imprescindível analisar as ocorrências da palavra “puta” em contextos variados – desde o discurso popular e informal, permeado por intensificadores e expressões de emoção (conforme evidenciado por Silva e Santos, 2024), até as manifestações culturais e artísticas que visam subverter o status quo (como na obra de Moira, 2016). Essa diversidade de usos não apenas amplia o campo semântico do termo, mas também ressalta a necessidade de uma abordagem interdisciplinar que integre os estudos da semântica, da sociolinguística e dos estudos de gênero para compreender plenamente as transformações linguísticas contemporâneas.

A análise da palavra “puta” no período contemporâneo revela, portanto, um cenário de contrastes e ambiguidades, onde a tensão entre o uso pejorativo e o potencial de reapropriação se faz presente de maneira marcante. Essa dualidade é refletida tanto na estrutura formal quanto na função pragmática do termo, evidenciando que as mudanças no uso e no significado da palavra estão intimamente ligadas às transformações sociais e culturais que caracterizam o século XXI. Tal processo de ressignificação, ainda que parcial e contestado, indica que a linguagem é um sistema dinâmico, sujeito a constantes renegociações de sentido e a adaptações que respondem às demandas e conflitos da sociedade atual. A pluralidade de significados atribuídos ao termo reflete as lutas simbólicas presentes na sociedade atual. Essa diversidade semântica evidencia que a transformação do vocábulo não é apenas um fenômeno linguístico, mas um espelho das mudanças culturais e das disputas ideológicas, onde os significados são continuamente contestados e renegociados em função dos conflitos e das demandas sociais.

A ausência de um fechamento definitivo para o debate sobre o termo ressalta que o processo de ressignificação é contínuo e inacabado. Essa abertura para novas interpretações indica que o significado da palavra está sempre em movimento, sendo permeado por novas influências e desafios, o que torna a análise do seu uso um campo fértil para futuras investigações e reflexões aprofundadas.

CHEGA DE PUTAS! - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória semântica do termo "puta" evidencia a dinamicidade da linguagem e sua íntima relação com os contextos históricos, sociais e culturais. Se, em suas origens latinas, a palavra possuía um significado descritivo e sem valor pejorativo, ao longo dos séculos, foi progressivamente carregada de conotações pejorativas, acompanhando a moralização dos discursos e a imposição de hierarquias de gênero. Contudo, a língua não é estática, e o que outrora era um insulto inflexível tornou-se um termo de múltiplos usos, desde expressão de intensidade até emblema de resistência.

No contexto contemporâneo, "puta" ilustra um fenômeno recorrente na transformação do léxico: a ressignificação. Se durante séculos foi utilizada como um marcador de marginalização feminina, hoje, em diversos espaços discursivos, a palavra se desprende da sua carga moralizante e adquire novos significados, seja na linguagem coloquial, na arte, na música ou na reivindicação identitária. Isso reforça a ideia de que o vocabulário não apenas reflete, mas também molda a sociedade, sendo, muitas vezes, palco de disputas simbólicas.

A análise da ampliação semântica de "puta" revela, portanto, que as palavras não pertencem aos dicionários, mas às pessoas que as utilizam, negociam e reinventam. Se a princípio o termo serviu como um instrumento de repressão e desqualificação, hoje ele é apropriado em contextos que desafiam essa historicidade, provando que a língua não é refém do passado, mas sim um organismo vivo e em constante adaptação.

Diante disso, fica a reflexão: se até uma palavra tão marcada por estereótipos e tabus conseguiu se reinventar, quem somos nós para não mudar também? Afinal, se até a "puta" virou elogio, talvez seja hora de revermos certos valores — e, quem sabe, dar uma olhada naquele velho dicionário para conferir se algumas outras palavras também já não mudaram de significado sem avisar

REFERÊNCIAS

- BASSO, Renato Miguel; SOUZA, Luisandro Mendes de. **Putá**: a sintaxe e a semântica de um controverso intensificador. Diadorim, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 528-556, 2020.
- BLUTEAU, Rafael. **Vocabulário Portuguez e Latino**. Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712. v. 6.
- BRÉAL, Michel. **Ensaio de Semântica**. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.
- BUICH, Nora. **Etimología**: Origen de la palabra "puta". La Izquierda Diario, 2016. Disponível em: <https://www.laizquierdadiario.mx/Origen-de-la-palabra-puta>. Acesso em: 4 dez. 2024.
- CAMPO, Mário A. de. **O significado das palavras: ensaio sobre a semântica**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- CHAIN, S. P. **Classificações gramaticais da palavra 'puta'**. Revista Odisseia, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 145-162, 2018. DOI: 10.21680/1983-2435.2018v3n2ID16152. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/16152>. Acesso em: 20 dez. 2024.
- COROMINAS, Joan. **Breve Dicionario Etimológico de la Lengua Castellana**. 3. ed. Madrid: Gredos, 1991.
- CORPUS INFORMATIZADO DO PORTUGUÊS MEDIEVAL (CIPM). Base de dados. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa, [s.d.]. Disponível em: <https://cipm.fcsh.unl.pt/>. Acesso em: 28 jan. 2025.
- COVARRUBIAS OROZCO, Sebastián de. **Tesoro de la lengua castellana, o española**. Madrid: Sanchez, 1873. 2 v. Disponível em: <https://archive.org/details/tesorodelalengua01cova>. Acesso em: 5 jan. 2025.
- DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. **Corpus do Português: Historical/Genres**. 2006-. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>. Acesso em: 20 jan. 2025.
- DAVIES, Mark. **Corpus do Português: Web/Dialects**. 2016-. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>. Acesso em: 20 jan. 2025.
- EXTESTEMUNHAS DE JEOVÁ. **Portal Fórum**. [2011]. Disponível em: <https://extestemunhasdejeova.net/forum/viewtopic.php?p=196771>. Acesso em: 10 jan. 2025.

KOHLER1000. **Por que dói mais no dia seguinte?**. *Cifra Club*, [S. l.], mar. 2010. Disponível em: <https://forum.cifraclub.com.br/forum/11/229294/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

LOBÃO afirma que vai se apresentar com Mano Brown na Virada Cultural, e o rapper nega. **Rolling Stone Brasil**, 2013. Disponível em: <https://rollingstone.com.br/noticia/lobao-afirma-que-vai-se-apresentar-com-mano-brown-na-virada-cultural-e-o-rapper-nega/>. Acesso em: 15 jan. 2025.

MOIRA, Amara. **E se eu fosse puta**. São Paulo: Hoo, 2016.

OLIVEIRA, Luiz A. **Manual de Semântica**. Petrópolis: Vozes, 2008.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **Com a língua de fora: uma história do insulto verbal no Brasil**. São Paulo: Panda Books, 2013.

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Dicionário da Língua Brasileira**. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832.

ROCHA, Bruna. **Porque um dia todo mundo vai...** Blog Esclerose Múltipla e Eu, 2013. Disponível em: <https://esclerosemultiplaeu.blogspot.com/2013/07/porque-um-dia-todo-mundo-vai.html>. Acesso em: 7 jan. 2025.

SARAIVA, Francisco Rodrigues dos Santos. **Novíssimo Dicionário Latino-Português**. 9. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1927. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/8007>. Acesso em: 22 dez. 2024.

SILVA, Damião Inácio da; SANTOS, Renata Livia de Araújo. **Putá merda! O uso do palavrão como recurso de expressividade**. (Con)Textos Linguísticos, Vitória, v. 18, n. 39, 2024. e-ISSN 1982-291X.

SILVA, Maria Fernanda Alves da. **Putá: uma análise semântica da linguagem machista na música "todxs putxs", da cantora Ekena**. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2025.

VAAN, Michiel de. **Etymological Dictionary of Latin and the Other Italic Languages**. Leiden: Brill, 2008.